

O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA CONTRA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SOCIAL

Carina de Almeida Coelho
Luciana Teixeira



Coelho, Carina de Almeida.

O estudo da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental : uma proposta contra o preconceito linguístico e social / Carina de Almeida Coelho. -- 2021.

182 f. : il.

Orientador: Luciana Teixeira

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

1. Ensino. 2. Variação linguística. 3. Preconceito linguístico. 4. Competência comunicativa. 5. Gêneros textuais. I. Teixeira, Luciana , orient. II. Título.

Ficha técnica

Organizadores

Elza de Sá Nogueira

Érika Kelmer Mathias

Luciana Teixeira

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Natália Sathler Sigiliano

Patrícia Pedrosa Botelho

Thais Fernandes Sampaio

Universidade Federal de Juiz de Fora
Mestrado Profissional em Letras
2021

Apresentação da coleção de Cadernos Pedagógicos PROFLETRAS/UFJF 2021

Natália Sigiliano
Érika Kelmer Mathias

O mestrado profissional em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora tem assumido, desde a sua constituição, em 2013, o compromisso de um trabalho desenvolvido em prol da capacitação de professores de Língua Portuguesa da rede básica de ensino fundamental, o que tem contribuído para a melhoria da qualidade de ensino da região e do país.

Como uma maneira de formar professores em seu próprio campo de atuação, assim como de impactar professores fora do programa – a quem seja possível o acesso ao conhecimento das práticas de pesquisas realizadas –, a elaboração de produtos educacionais de ensino é inserida como requisito básico da formação dos professores que ingressam nesse mestrado. Desde 2013, esse trabalho esteve integrado à realização de uma prática pedagógica interventiva inserida no contexto de sala de aula em que o professor, agora também pesquisador, atuava.

No ano de 2020, um cenário educacional atípico se revelou em todo o Brasil – e no mundo – devido à pandemia provocada pelo novo coronavírus. Nesse ano, diversos alunos da Turma 6 do PROFLETRAS da UFJF já haviam iniciado, em fevereiro de 2020, a aplicação de suas propostas de intervenção em salas de aula presenciais, e outros tinham planos de fazê-lo ainda nos primeiros meses do mesmo ano. No entanto, como forma de assegurar a saúde dos diversos atores envolvidos na esfera escolar, as aulas presenciais precisaram ser subitamente interrompidas, no país, ao longo do mês de março de 2020. Diante dessa realidade, enquanto as redes privadas puderam rapidamente adotar ações no sentido de implementar um ensino remoto emergencial, adquirindo dispositivos, softwares e programas específicos, as redes públicas só conseguiram iniciar as atividades remotas meses depois do início da suspensão das aulas presenciais. Em alguns estados e municípios, o ensino remoto emergencial só se iniciou no segundo semestre de 2020. Nesse sentido, o impacto nas pesquisas em curso no programa foi muito forte, não somente em função do intervalo de contato entre o professor-pesquisador

e sua turma de atuação, como, principalmente, diante do novo cenário com o ensino remoto, cujas ações foram aplicadas de formas diferentes por estados e municípios: aulas remotas síncronas através de plataformas e/ou aplicativos de mensagens; aulas remotas assíncronas através de plataformas, TVs, material impresso e entregue aos alunos; materiais didáticos organizados pelas redes de ensino, sem a participação do professor; materiais criados e/ou adaptados pelos professores em seus anos e turmas de atuação; além de outras modalidades.

Dessa maneira, sensível a esse contexto, a coordenação nacional do mestrado profissional em Letras, por meio da resolução nº 003/2020, em 02 de junho de 2020, autorizou, de forma inédita, a possibilidade de serem realizadas, no âmbito do programa, propostas de ensino que não necessariamente tivessem caráter interventivo.

Diante disso, a Turma 6 do PROFLETRAS da UFJF colocou-se o desafio de realizar – ou de continuar a realizar - pesquisas as quais, mesmo em um contexto de muita apreensão e angústia quanto à vida e ao trabalho, resultaram em um conjunto de Cadernos Pedagógicos que apresentam características diversificadas quanto à situação de elaboração: alguns deles foram aplicados, mesmo em meio a um cenário atípico de aulas remotas; outros se compuseram de propostas de ações e atividades cujas aplicações poderão ser desenvolvidas futuramente.

É importante destacar também que, assim como todo texto que se constrói em interação com seus leitores, a constituição desses produtos pedagógicos contou – e contará – com uma rede de colaboração de diversos atores: professores e orientadores do programa, professores-discentes do mestrado profissional, professores participantes de bancas de qualificação e defesa, professores-colegas dos discentes do programa, alunos da rede básica que se propuseram a fazer parte das pesquisas e, ainda, professores que poderão conhecer, analisar, modificar e empregar estratégias inspiradas, em alguma medida, por aquelas aqui apresentadas por meio desta coleção.

Todos os Cadernos Pedagógicos tiveram como escopo a ideia de que “a especificidade da formação pedagógica, tanto a inicial como a contínua, não é refletir sobre o que se vai fazer, nem sobre o que se deve fazer, mas sobre o que se faz” (HOUSSAYE, 1995, p.28), no desejo de que esse pensamento guie não somente os autores, mas também os futuros leitores desses Cadernos a reflexões e ações sobre seus próprios fazeres pedagógicos.

É nessa esteira que, mais uma vez, apesar de todos os percalços do momento atual na educação, os Cadernos Pedagógicos produzidos no âmbito do PROFLETRAS/UFJF trazem propostas autorais e inovadoras de ensino de Língua Portuguesa e Literatura, revelando forte compromisso por parte dos professores envolvidos em sua produção com o ensino público de qualidade.

Apresentação do projeto

Caro Professor,

Este Caderno Pedagógico é resultado de reflexões sobre a compreensão de que a língua não é fixa e de que há formas diferentes de uso da linguagem que devem ser igualmente valorizadas (as variações linguísticas), sendo fundamental desenvolver uma atitude não preconceituosa e respeitosa frente a variantes linguísticas que se distinguem da variante padrão. À luz de uma proposta de ensino pautado na perspectiva da Sociolinguística Educacional, que se constitui como um caminho para um trabalho mais eficiente e sensível à realidade dos estudantes, as atividades aqui descritas nasceram da dificuldade de ensinar a Língua Portuguesa sob a ótica tradicional, principalmente aos alunos de escolas públicas de periferia, em que predomina a variante linguística desprestigiada. Conforme os ensinamentos de BAGNO (2004, p. 9), é necessário desenvolver os recursos comunicativos, de uma maneira sistemática, para que os alunos aprendam o uso da linguagem nos mais diversos contextos em que interagem, “sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade”.

Diante do exposto, este Caderno tem como objetivo propor atividades pedagógicas para aulas de Língua Portuguesa que construam um ambiente propício à aprendizagem, através de um ensino interventivo e interativo, que estimule a participação e o pensamento reflexivo dos alunos, a fim de alcançar uma educação linguística e cidadã. Ele foi desenvolvido para uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II da rede estadual de ensino. Seu processo interventivo teve como estratégia o uso de gêneros textuais mistos, do domínio jornalístico e midiático, além da temática do preconceito para promover o ensino/aprendizagem da variação linguística e se encontra dividido em 8 etapas:

- Etapa 1: conhecendo as variedades linguísticas na fala, através do gênero *entrevista*;

- Etapa 2: conhecendo as variedades linguísticas na escrita, através do gênero *notícia*;
- Etapa 3: estabelecendo diferenças entre fala e escrita, através do gênero *reportagem*;
- Etapa 4: conscientização sobre o preconceito linguístico;
- Etapa 5: Jornal Falado;
- Etapa 6: retextualização;
- Etapa 7: sistematização – reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem;
- Etapa 8: fechamento – diagnóstico do processo de ensino/aprendizagem.

A fundamentação teórico-conceitual e metodológica das ações interventivas, orientadas pela pesquisa-ação, encontra-se na dissertação de mestrado anexa a este Caderno Pedagógico.

Aproveite este material!

[Clique aqui](#) para baixar a dissertação

Sumário

| | |
|--|-----------|
| ETAPA 1: Conhecendo as variedades linguísticas na fala, através do gênero entrevista | 10 |
| ETAPA 2: Conhecendo as variedades linguísticas na escrita, através do gênero notícia | 14 |
| ETAPA 3: Estabelecendo diferenças entre fala e escrita, através do gênero reportagem | 21 |
| ETAPA 4: Conscientização sobre o preconceito linguístico | 27 |
| ETAPA 5: Jornal Falado | 30 |
| ETAPA 6: Retextualização | 32 |
| ETAPA 7: Sistematização - reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem | 36 |
| ETAPA 8: Fechamento - diagnóstico do processo de ensino/aprendizagem | 37 |
| Referências | 39 |
| Sugestões de leitura | 39 |
| Sugestões adicionais de vídeos e textos para adaptação das propostas deste Caderno Pedagógico | 42 |

ETAPA 1: Conhecendo as variedades linguísticas na fala, através do gênero *entrevista*

O objetivo inicial desta etapa é apresentar aos alunos os diferentes falares, seja por diferenças de idade, escolaridade, regionalidade, seja por questões relacionadas a diferenças de registro, de maneira a atrair a sua atenção e despertar seu interesse pelo estudo da adequação da linguagem nas diversas situações comunicacionais e, em especial, da variedade de prestígio social. A escolha do gênero *entrevista* e do tema *preconceito* se deve ao modo como foi focalizado o objeto de estudo desta dissertação, mas nada impede que outros gêneros com outras temáticas possam ser trabalhados em sala para o ensino da variação linguística. Como alternativa à entrevista, sugiro o uso de músicas (letras e estilos) ou vídeos de entretenimento; quanto ao tema, proponho o estudo da variação baseado em diferentes gerações ou regiões. A esse respeito, é importante explicar para os alunos que a mudança de registro não se verifica apenas no léxico: ela também ocorre nas construções sintáticas e até mesmo na pronúncia das palavras.

A respeito do trabalho com letras e estilos musicais, pode-se apresentar uma música mais antiga, que traga palavras e expressões as quais não se usam mais e que sejam próprias de uma época passada, como uma canção da Jovem Guarda, e compará-la com músicas mais atuais, voltadas para o público jovem dos dias de hoje, como, por exemplo, o *funk*. Interessante notar que esse exercício é por si só dinâmico, pois uma música escolhida hoje pode não funcionar daqui a cinco anos, o que demonstra como nossa língua varia e o quanto expressões linguísticas novas surgem e se vão com a mesma rapidez. Também é possível utilizar músicas de diferentes regiões, que trazem sotaques e termos característicos de diversas partes do país.

Os vídeos de entretenimento são eficazes para mostrar as diferenças entre a fala de uma criança, um jovem e um idoso, ou entre a de um médico, que dá uma orientação, e uma pessoa simples, que passa uma receita culinária. Esse tipo de vídeo serve também para exemplificar que alguns fatores são determinantes para a escolha do registro a ser empregado, entre eles o grau de familiaridade que temos com nossos interlocutores. Uma dica interessante seria perguntar aos alunos se eles já observaram, por exemplo, que a linguagem por eles utilizada com os amigos

é diferente da linguagem adotada em situações formais. Desse modo, é possível ensinar, de forma prática e lúdica, que as pessoas falam de diferentes maneiras por diversas razões e que ampliar os recursos comunicativos é importante para melhor interagir com outros usuários da língua.

Para o desenvolvimento desta etapa, serão necessárias, no mínimo, 5 aulas.

Atividades propostas:

Sugere-se que o docente apresente pelo menos 2 vídeos, em que seja possível verificar a variedade linguística dos personagens, considerando as variáveis acima mencionadas (como idade, região, grau de escolaridade). O assunto deve ser de interesse dos alunos para facilitar a participação de todos. A temática do preconceito linguístico e social foi escolhida para se trabalhar em todo o projeto, pois está relacionada ao conteúdo da variação linguística, além de estar presente no cotidiano dos alunos participantes da pesquisa, mas outro tema poderá ser utilizado.

Sugestões de vídeos:

Apresentadora entrevista idoso de 62 anos, vítima de racismo

Catia entrevista idoso de 62 anos vítima de racismo em UTI de hospital | MELHOR DA TARDE

377 visualizações - 25 de set. de 2020

20 2 COMPARTILHAR SA

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=64ultU_iNvY. Acesso em: 23 set. 2020

Entrevista com filho do idoso que foi vítima de racismo



Fonte: <https://www.girodegravatai.com.br/video-filho-de-idoso-agredido-em-hospital-da-detalhes-e-acusa-funcionarios-de-racismo-direcao-abrira-sindicancia/>. Acesso em: 23 set. 2020.

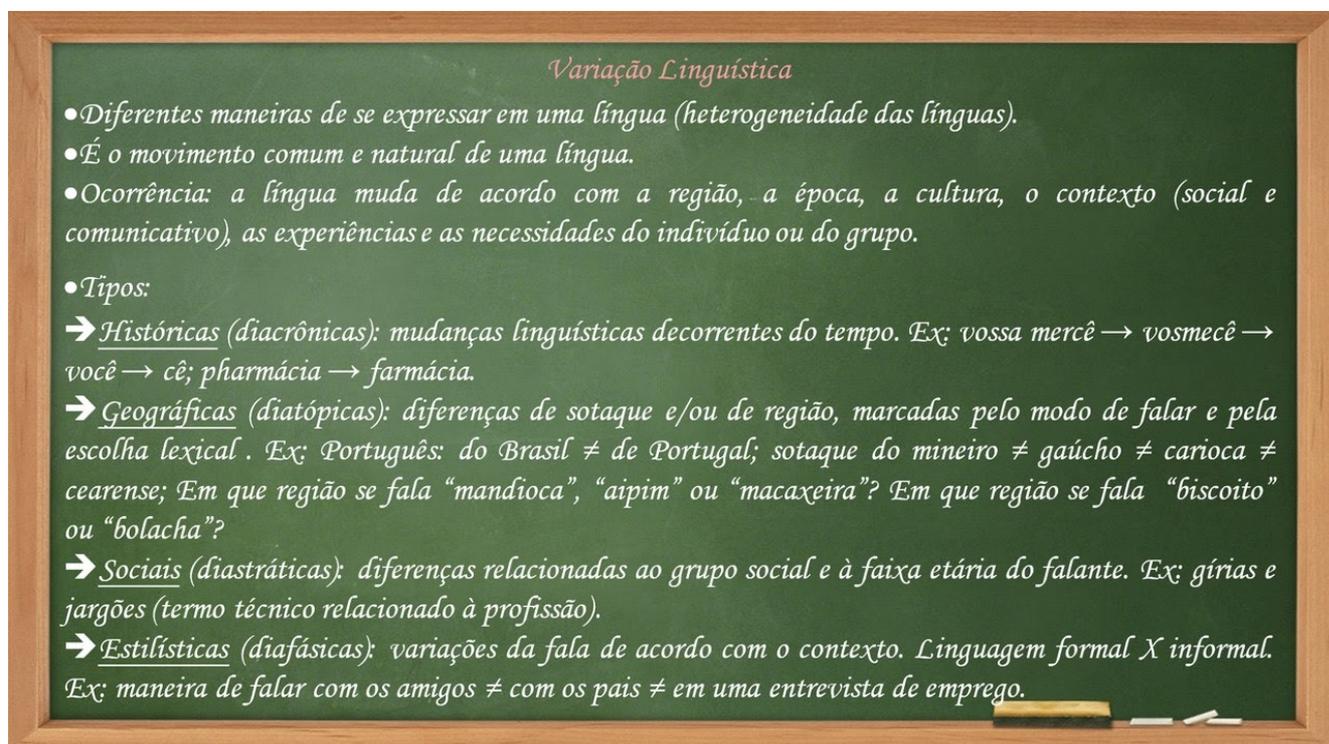
Os dois vídeos tratam do preconceito vivido por um idoso negro, pobre e semianalfabeto, que foi acusado de roubar um celular de uma enfermeira dentro de um hospital, em que estava de acompanhante de sua esposa. Além dos preconceitos, o idoso sofreu agressões físicas. O primeiro vídeo traz uma entrevista do idoso e sua advogada a um programa de entretenimento. Já o segundo vídeo é uma entrevista do filho do idoso a um repórter local sobre o preconceito vivenciado pelo pai.

Após a apresentação dos vídeos, o docente poderá fazer perguntas relacionadas ao tema dos vídeos para maior envolvimento dos alunos. Se o tema for preconceito, podem ser feitas perguntas como: Quais preconceitos a vítima sofreu? Por quais motivos? Você já vivenciou algo parecido? Dê exemplos.

Uma vez explorada a temática dos vídeos, o professor poderá passar para indagações relacionadas ao conteúdo; assim, os questionamentos devem se relacionar à fala dos interlocutores dos vídeos, focalizando aspectos como: as diferenças percebidas na fala, a razão de as pessoas falarem de maneiras distintas. Deste modo, aos poucos e com a participação dos alunos, o conteúdo será ensinado e o aprendizado consolidado.

O docente deverá colocar essas informações no quadro para que, ao final, o conceito de variação linguística, suas características e os diferentes tipos de registro estejam disponíveis para a anotação dos discentes. A informação que não for deduzida pelos alunos deverá ser acrescentada e explicada pelo professor.

Exemplo de um quadro sobre variação linguística

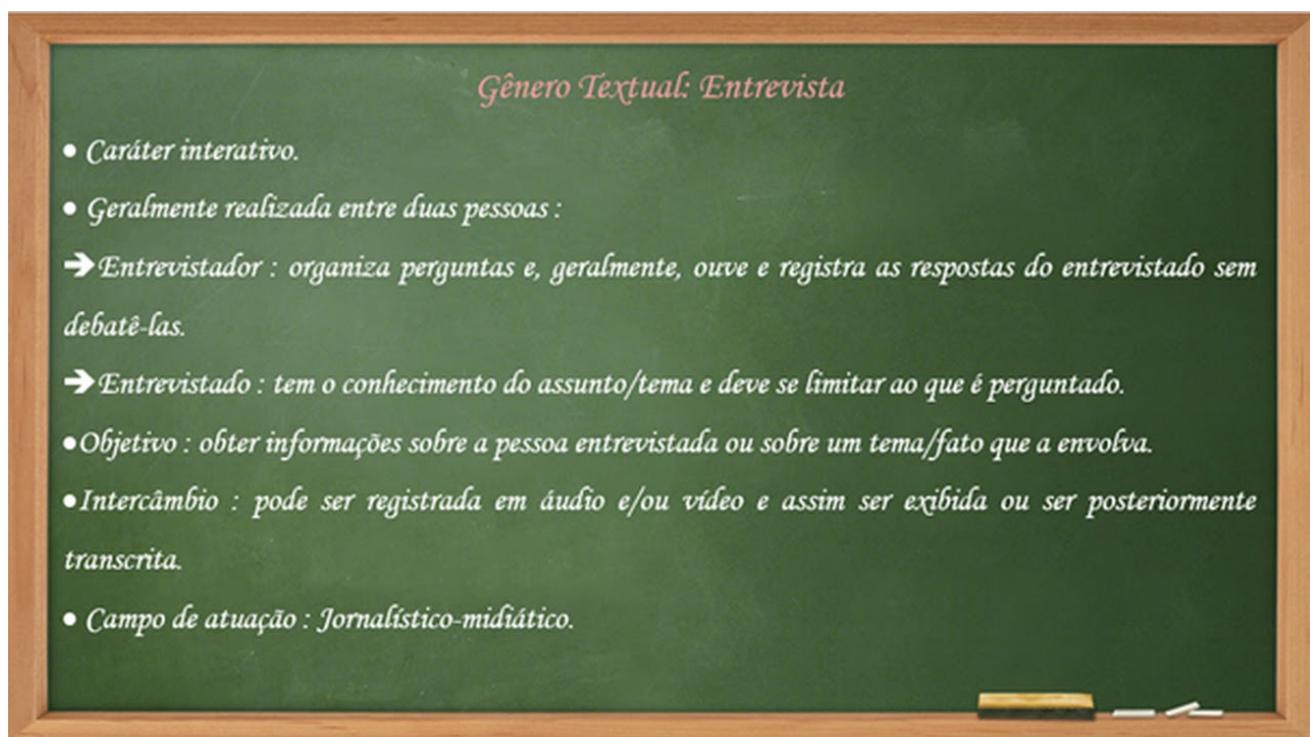


Fonte: Frade; Val; Bregunci [s.d.].

Realizada a exposição de todo o conteúdo no quadro e sua explicação, o docente poderá solicitar que os alunos pesquisem e tragam, para a aula seguinte, exemplos de cada tipo de variação linguística que eles conhecem e reconhecem na fala de familiares, amigos, conhecidos da mídia, etc. Assim, o estudante terá um papel ativo na construção do conteúdo, o que contribui para o seu próprio aprendizado.

O professor também deverá detalhar as propriedades do gênero identificado nos vídeos apresentados. Seu conceito e características deverão ser explicitados no quadro, buscando-se sempre a participação dos discentes nessa construção.

Exemplo de um quadro sobre o gênero textual *entrevista*



Fonte: Pinton; Steinhorst; Barreto (2020).

Ao final, o docente estará em condições de sistematizar todo o conteúdo ensinado, indagando aos alunos sobre o que aprenderam e escrevendo no quadro as respostas pertinentes para anotação. Importante deixar claro aos discentes que toda forma de falar é válida, que não existe uma variedade melhor do que a outra, mas que uma variedade pode ser mais eficaz e até mesmo mais adequada que outra na interação, a depender da situação comunicativa.

ETAPA 2: Conhecendo as variedades linguísticas na escrita, através do gênero *notícia*

Esta etapa tem por objetivo demonstrar que as variedades linguísticas também podem ocorrer na escrita e que esta pode ser formal ou informal, explicando que a escrita informal também pode ser adequada em alguns contextos. Assim sendo, é importante que os alunos saibam escolher, com adequação, a variante de língua apropriada para retratar a situação de comunicação escrita: falas de personagens ou comentários de pessoas em redes sociais; construções textuais

atribuídas ao narrador ou ao autor do texto etc. Cabe também destacar a importância do estudo e conhecimento da norma-padrão, apontando exemplos em que esta é exigida.

Para facilitar o aprendizado e o entendimento acerca dos graus de formalidade da escrita, optou-se pelo gênero *notícia* e a permanência na temática do *preconceito*, mas outros gêneros podem ser utilizados, como comentários em redes sociais e jornais/revistas *on-line*. A depender do grau de escolaridade da pessoa e/ou o meio de interação que escreve os comentários, estes podem apresentar traços de maior ou menor formalidade.

Outra sugestão, mas voltada somente para a variedade linguística na escrita, podem ser os contos. Ao se compararem contos antigos (como os dos irmãos Grimm, de Andersen, Machado de Assis, Eça de Queirós) com os contos atuais (como os de Ruth Rocha, Maria Clara Machado, Rosa Amanda Strausz, Martha Medeiros), voltados para crianças, jovens ou adultos, verificam-se diferentes maneiras de se escrever. Nos contos mais antigos, é possível encontrar palavras ou expressões que já não são usuais ou são grafadas de forma diferente, quando comparadas a atualizações feitas em função da dinamicidade da língua. Já nos contos atuais, a linguagem é mais próxima deste momento; contudo, a depender do público-alvo, alguns leitores, pertencentes a gerações distintas, podem ter dificuldades na compreensão de palavras ou expressões, como, por exemplo, as gírias de adolescentes, que nem sempre são de conhecimento dos adultos.

Serão necessárias, no mínimo, 5 aulas.

Atividades propostas:

O docente distribuirá uma notícia que tenha um texto formal e outra com um texto informal. No exemplo abaixo, uma única notícia traz os dois tipos de texto.

Notícia sobre casal que sofre racismo após publicar foto em rede social

 **Redação Pragmatismo**
Editor(a)

RACISMO NÃO 25/AGO/2014 ÀS 19:49 [COMENTÁRIOS](#)

 [Compartilhar](#) 

Casal sofre racismo após publicar foto no Facebook

Jovem negra que namora um rapaz branco sofre enxurrada de ataques racistas no Facebook após a publicação de uma simples imagem



Jovem negra sofre racismo após publicar foto ao lado de seu namorado branco (reprodução)

Um casal que reside na cidade de Muriaé, Zona da Mata de Minas Gerais, foi vítima de [comentários racistas](#) após a publicação de uma imagem no Facebook.

A jovem negra D.M, que namora L.F, um rapaz branco, postou uma foto que é considerada habitual entre os frequentadores de redes sociais no Brasil. A imagem retrata tão somente a demonstração de afeto entre um casal. No entanto, o que deveria ser normal se transformou em um manancial de ódio e de deboche criminoso.

Alguns comentários sugeriram que D.M seria uma escrava por namorar um rapaz branco. “Onde o rapaz teria comprado a escrava?”, questionou um perfil, que recebeu apoio: “O casal parece que está na senzala”. “Se mexer vira nescau”, publicou um outro internauta já identificado pela Polícia Civil.

As ofensas começaram na semana passada, assim que ela publicou a foto. E, para evitar maiores constrangimentos, ela desativou sua conta na rede social. “Minha família e a do meu namorado são muito rígidas e achei melhor tirar minha página do facebook do ar. Estavam surgindo muitos pedidos de amizade, e pessoas da imprensa também começaram a ligar”.

VEJA TAMBÉM: [Faça o ‘Teste do Pescoço’ e saiba se existe racismo no Brasil](#)

Antes de desativar a conta, D.M postou uma mensagem no Facebook lamentando as manifestações racistas que se sucederam após a publicação da imagem. “Haverá racismo enquanto as pessoas não entenderem que por dentro somos todos iguais”, afirmou.

Democracia racial?

O caso ilustra que não houve outra motivação para os ataques a não ser a cor da pele, contrariando aqueles que ainda insistem em duvidar da existência de racismo no Brasil. D.M sofreu preconceito racial puro e indiscriminado.

A página [Pretinho do Poder](#) repercutiu o caso nas redes sociais. Até o fechamento desta edição, mais de 146 mil curtidas e 18 mil compartilhamentos foram registrados.

A Polícia Civil informou que deverá iniciar a apuração dos fatos e instaurar inquérito assim que o casal formalizar a denúncia e registrar a ocorrência.

Atualização. Polícia Civil começa a investigar o caso. [Saiba mais aqui.](#)

Pragmatismo

Fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/08/casal-sofre-racismo-apos-publicar-foto-facebook.html>. Acesso em: 23 set. 2020.

Inicialmente, será feita uma leitura silenciosa da notícia e dos comentários presentes na imagem do próprio texto pelos alunos. Em seguida, o docente poderá

solicitar a participação voluntária de dois alunos para que façam a leitura em voz alta para toda a classe, um para o texto formal, a *notícia*, e outro para o informal, as mensagens sobre o fato, transcritas na imagem com a foto do casal.

Após a leitura, os discentes deverão tecer comentários a respeito do tema da notícia. Desta forma, para estimular o debate e a participação dos alunos, já que se trata de assuntos que permitem um maior interesse dos estudantes, poderão ser feitas perguntas pelo professor, como: “Vocês já vivenciaram ou tiveram conhecimento de um fato parecido?” Ou “Qual a sua opinião sobre o fato, sobre o preconceito de maneira geral, sobre as redes sociais e a exposição que esses meios de comunicação provocam?”

Posteriormente, o docente deverá chamar a atenção dos alunos para a forma como a notícia e os comentários foram escritos, questionando suas diferenças. Será feito um debate, durante o qual deverá ficar claro que o texto correspondente à notícia caracteriza o que aqui se está considerando como um registro escrito formal, em que são observadas as regras da norma-padrão; por outro lado, o professor solicitará que os discentes identifiquem nos comentários trechos que caracterizam o uso escrito informal da língua, pois se verificam diversas ocorrências típicas da informalidade. Espera-se que sejam destacados exemplos, tais como¹: uso do pronome átono em início de frase; redução de palavras, como “tão” (em lugar de “estão”), “pera” (em vez de “espera”), “pra” (por “para”); emprego de “tipo assim”, característico da fala (em lugar de “por exemplo”) e também utilizado para a elaboração de um pensamento; uso de palavras de baixo calão (como “merda”), gírias (como “tia”, “mano”) e neologismos (como “negosa”). É importante alertar os alunos para o uso dos recursos não verbais (como os *emojis* que aparecem nos comentários, bem como o uso do internetês, a exemplo de formas como “vc”), que estão associados a gêneros textuais que circulam em meios de comunicação em que há maior informalidade, diferentemente de reportagens e notícias, que circulam em meios com maior grau de formalidade.

Observa-se, ainda, nos comentários referentes à imagem postada em uma rede social, o uso de termos e expressões preconceituosos, como: “escrava”, “seu dono”, “senzala”, “nescau”, “café com leite”.

¹ Não é foco desta pesquisa tratar de questões relacionadas à ortografia. No entanto, considera-se relevante chamar a atenção dos alunos para a importância de se realizarem ajustes ortográficos, a exemplo da palavra “meche”, que ocorre no comentário selecionado para ser trabalhado nesta etapa.

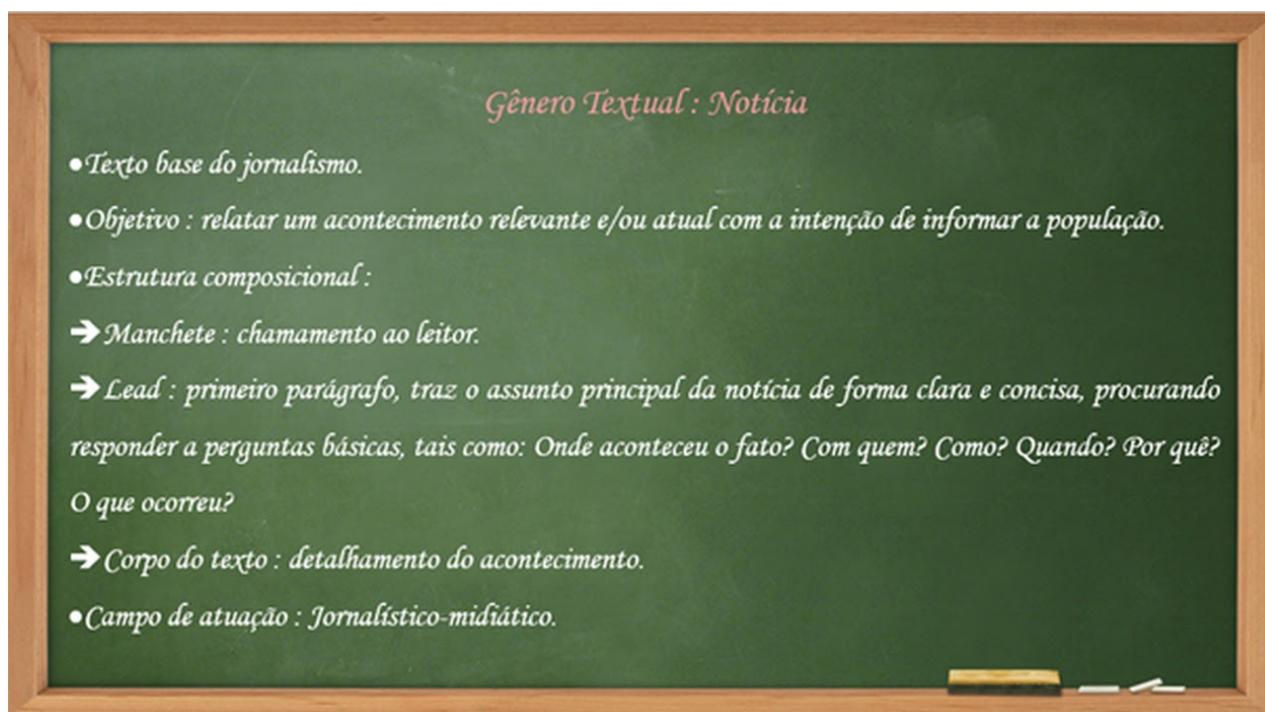
O docente poderá fazer um exercício de reflexão, indagando os alunos a respeito do modo como a linguagem pode servir para discriminar pessoas, pelos mais diversos motivos. Além disso, ele poderá também solicitar aos discentes que cite outros meios de comunicação em que são comuns o uso do texto formal e o do texto informal. Espera-se que as respostas contendam informações como: a linguagem formal é mais incidente nos livros didáticos, jornais, provas, etc.; já a linguagem informal é mais frequente nas redes sociais, em geral (como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*), em recados ou bilhetes. Importante deixar claro aos discentes que, nesses meios, o comum é haver a predominância da informalidade, mas que é possível encontrar, por exemplo, em um jornal, determinada seção com uma escrita informal, e um comentário nas redes sociais com uma escrita formal.

Outro exercício nessa mesma linha de reflexão pode ser proposto, no sentido de instigar os alunos a pensar sobre o efetivo compartilhamento e entendimento das informações que são passadas por meio da linguagem escrita informal utilizada na *Internet*. O professor poderá questionar aos alunos se eles consideram que essa linguagem seja conhecida por todas as pessoas, independentemente da geração, se todas as mensagens transmitidas neste meio são compreendidas por todos, e quem tem mais facilidade ou mais dificuldade para entendê-las.

Após o debate, o professor poderá evidenciar para os estudantes que o texto escrito informal, geralmente, é mais momentâneo, de curta duração, ao passo que os textos formais escritos têm a finalidade de se prolongar no tempo, servir às mais diversas gerações e serem compreendidos por um número maior de pessoas.

O docente também poderá detalhar as propriedades do gênero textual *notícia*. Seu conceito e características deverão ser apresentados no quadro, buscando sempre a participação dos alunos nessa construção.

Exemplo de um quadro sobre o gênero textual *notícia*



Fonte: Pinton; Steinhorst; Barreto (2020).

Um conteúdo que também deve ser detalhado no quadro, com a contribuição dos alunos, diz respeito à diferença entre linguagem formal e informal. Após a exposição das características do gênero textual, o docente pedirá que os alunos recuperem as palavras ou expressões dos comentários, identificadas durante o debate, as quais foram consideradas como exemplos de uso informal, justificando suas escolhas. Deverá solicitar também que os estudantes indiquem expressões ou passagens caracterizadas como construções formais. A correção desta atividade poderá ser feita oralmente, questionando os discentes sobre suas respostas e retificando-as, quando necessário.

Por fim, o professor dividirá a turma em grupos de 5 alunos, para propor uma pesquisa na biblioteca da escola a respeito de textos formais e informais. Os discentes deverão ler os textos escolhidos e explicar por que se caracterizam como exemplos de um ou outro tipo. Ao final de todas as apresentações, o docente explicará os acertos e equívocos cometidos pelos alunos, com a participação dos discentes, sempre que possível.

ETAPA 3: Estabelecendo diferenças entre fala e escrita, através do gênero *reportagem*

O objetivo desta etapa é reforçar e fixar o conhecimento dos alunos de que a variação linguística ocorre na fala e na escrita, a depender da situação e do contexto de uso da língua.

Através da apresentação de vídeos e da leitura de textos, serão estabelecidas as diferenças entre a fala e a escrita, o registro formal e o informal. Neste momento, caberá ressaltar que a variação na escrita é menos recorrente, pois prevalece a norma-padrão, isto é, a variedade prestigiada da língua, na maioria das situações.

Para desenvolver as explicações e facilitar a compreensão do conteúdo, serão utilizados os gêneros *tirinha* e *reportagem*.

Serão necessárias, no mínimo, 4 aulas.

Atividades propostas:

O professor entregará para cada aluno uma tirinha com os balões dos diálogos em branco, para que os discentes os completem. A intenção é estimular a criatividade dos alunos e verificar sua capacidade de interpretação das cenas, além de continuar explorando a temática do preconceito.

Exercício sobre diálogo na Tirinha



Fonte: *Instagram* "Quebrando o Tabu" (2020).

O diálogo original deverá ser revelado após a leitura das sugestões dos alunos, as quais serão comparadas com o diálogo original, realizando-se um debate, mediado pelo professor, sobre o preconceito que a imagem indica.

Tirinha retirada do *Instagram*



Fonte: *Instagram* "Quebrando o Tabu" (2020)².

Ainda, nesta etapa, o docente poderá exibir um vídeo de uma reportagem e distribuir cópias impressas do texto dessa mesma reportagem. Diferentes gêneros textuais que exploram uma mesma temática podem ser utilizados para a realização desta atividade, desde que seja possível comparar a fala (audiovisual) e a escrita (texto). No exemplo proposto, a opção de se trabalhar a produção textual com base na mesma reportagem se explica pelo fato de a comparação entre o conteúdo do vídeo e o do texto ser mais fácil.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDVEKVunKCh/?igshid=1ew5fzblxs2u3>. Acesso em: 10 out. 2020

Programa de televisão reúne vítimas de preconceito

Fantástico reúne vítimas de preconceito para discutir: que Brasil é esse?

Às vésperas do Dia da Consciência Negra, casos com acusações de injúrias raciais e racismo aconteceram em Minas Gerais. Situação vivida por brasileiros também fora do país.



Fantástico reúne vítimas de preconceito para discutir: que Brasil é esse?

Três casos com acusações de injúrias raciais e racismo aconteceram esta semana, em Minas Gerais. Situação vivida por brasileiros também fora do país. Os jogadores Taison e Dentinho sofreram ofensas racistas durante um jogo, na Ucrânia, no último fim de semana.

No clássico entre Atlético e Cruzeiro, no Mineirão, um segurança foi xingado de macaco por dois torcedores. Uma cozinheira diz que foi chamada de crioula durante uma discussão no restaurante em que trabalha. Já uma cuidadora recebeu uma oferta de trabalho preconceituosa, por um aplicativo de mensagens.

A mensagem no celular é racista porque impede o acesso dos negros a uma oportunidade de emprego. O mesmo crime ocorre quando uma pessoa é proibida de entrar em determinado lugar por causa da cor da pele. Já as agressões verbais direcionadas a cor, a raça ou a etnia, na lei são consideradas injúria racial. Assista à reportagem.

Fonte: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/11/17/fantastico-reune-vitimas-de-pre-conceito-para-discutir-que-brasil-e-esse.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2020.

Após a exibição do vídeo e a leitura da reportagem impressa, o docente fará questionamentos sobre sua abordagem e estrutura, atentando para as diferenças entre o vídeo e o texto escrito. Caso opte por abordar um tema novo, recomenda-se começar os questionamentos pelo assunto, para maior envolvimento e participação dos alunos. No exemplo proposto, considera-se que o tema da reportagem (preconceito) já havia sido amplamente discutido em aulas anteriores; por isso, pressupõe-se que as indagações já tenham ocorrido com base no conteúdo a ser ensinado.

Deverá ser destacado, na comparação, que o texto escrito tende a ser mais sucinto, com o predomínio da linguagem prestigiada, formal. Já o texto falado, por utilizar-se do meio audiovisual, é mais rico em detalhes, pois é possível captar a entonação de voz do repórter e de quem é entrevistado, a emoção e expressão facial das pessoas, além de outras informações do ambiente, o que também contribui para o entendimento e a interpretação da reportagem.

As perguntas elaboradas pelo professor ainda deverão estar voltadas ao uso da linguagem formal e informal e ao grau de monitoramento dos textos falados ou escritos. Com base na reportagem, os alunos deverão entender que a escrita varia menos, por ser mais monitorada e, portanto, mais formal. Já a fala varia mais, pois, em ambientes familiares ou de lazer, com pessoas conhecidas, ela tende a ser mais espontânea, ou seja, informal e menos monitorada. Contudo, em situações incomuns, com presença de desconhecidos e em ambientes observados, as pessoas procuram utilizar a variedade prestigiada, o que torna sua fala mais comedida e monitorada.

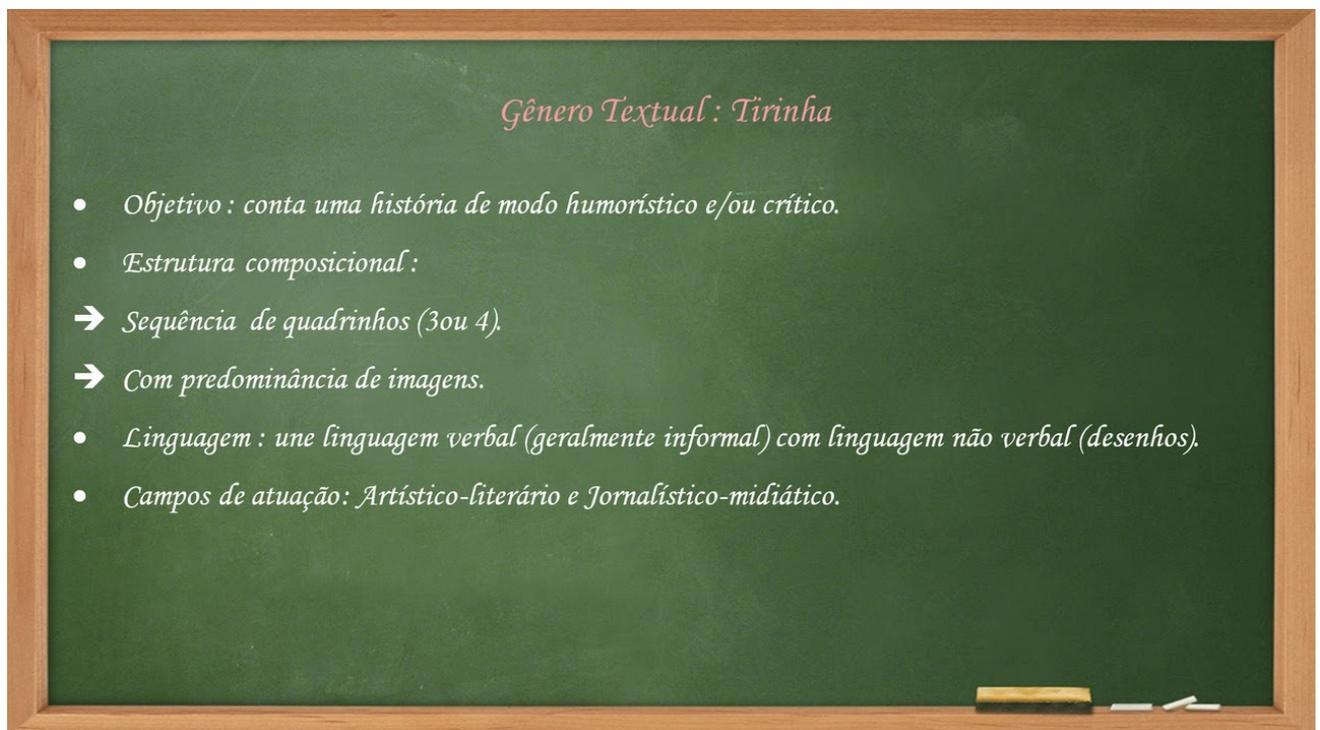
Sugestões de perguntas:

- 1) Quais as diferenças percebidas na reportagem em vídeo e escrita?

- 2) Qual delas possui mais informação e por quê? Tudo que foi mostrado no vídeo foi relatado no texto escrito? Senão, o que faltou?
- 3) A linguagem utilizada foi a mesma nos dois meios comunicativos? Quais foram as diferenças?
- 4) No vídeo, os personagens possuem a mesma linguagem? Indique os personagens que usam a linguagem de maneira distinta.
- 5) Vocês (alunos) acreditam que a linguagem falada pelos personagens no momento da reportagem é a mesma que utilizam com os amigos e familiares? Por quê? Dê exemplos.

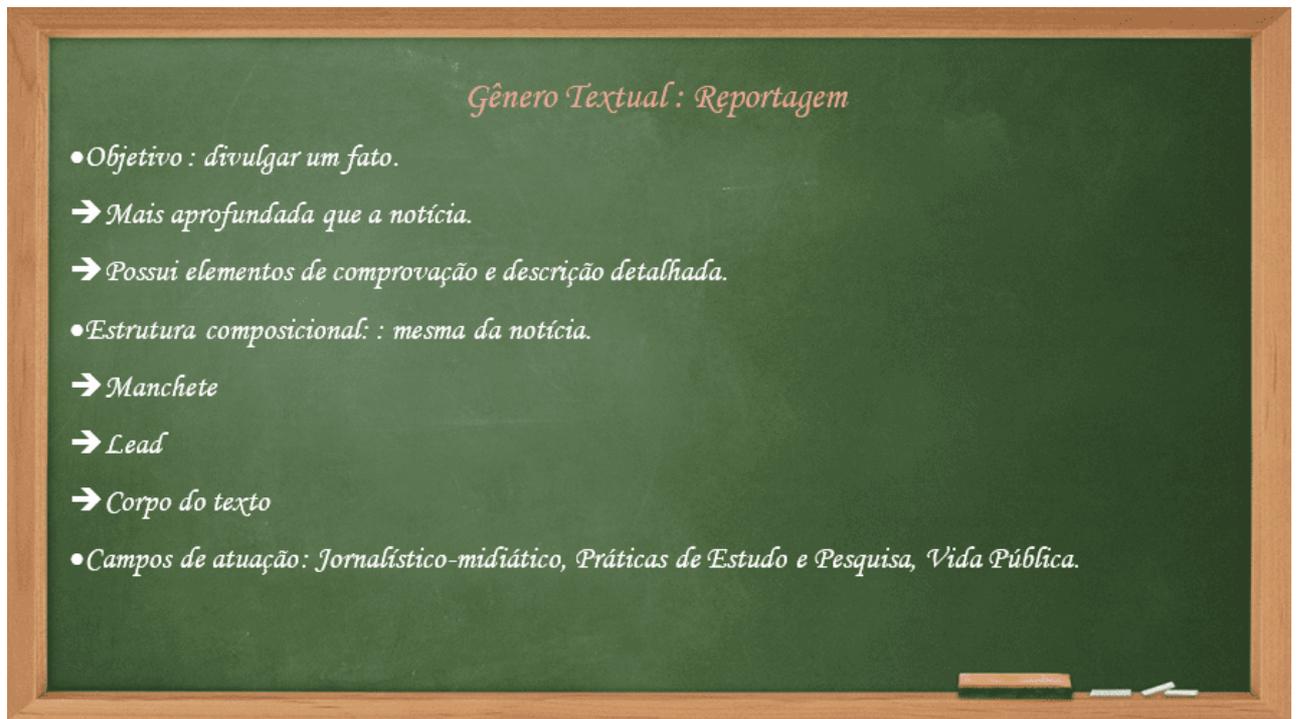
Ao final, o docente deverá indagar os alunos sobre as diferenças observadas entre o uso que se faz da língua na fala e na escrita, retomando o conhecimento das aulas anteriores. Além disso, o professor deverá detalhar os gêneros trabalhados em sala, *tirinha* e *reportagem*, com a participação dos estudantes, ressaltando as suas características no quadro para anotação.

Exemplo de um quadro sobre o gênero textual *tirinha*



Fonte: Pinton; Steinhorst; Barreto (2020).

Exemplo de um quadro sobre o gênero textual *reportagem*



Fonte: Pinton; Steinhorst; Barreto (2020).

ETAPA 4: Conscientização sobre o preconceito linguístico

O objetivo desta etapa é conscientizar os alunos sobre os diversos tipos de preconceito, informando e explicando, particularmente, o preconceito linguístico. O gênero escolhido para realizar esta atividade foi a *roda de conversa*, visto que aproxima os alunos, o que permite maior envolvimento e participação. Nesta conversa, é importante que o docente deixe claro que a noção de “certo” e “errado”, “bonito” e “feio”, sobretudo no campo linguístico, é uma imposição da sociedade, e não da Linguística, enquanto ciência que tem por objeto a linguagem humana em seus mais diversos aspectos: fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico.

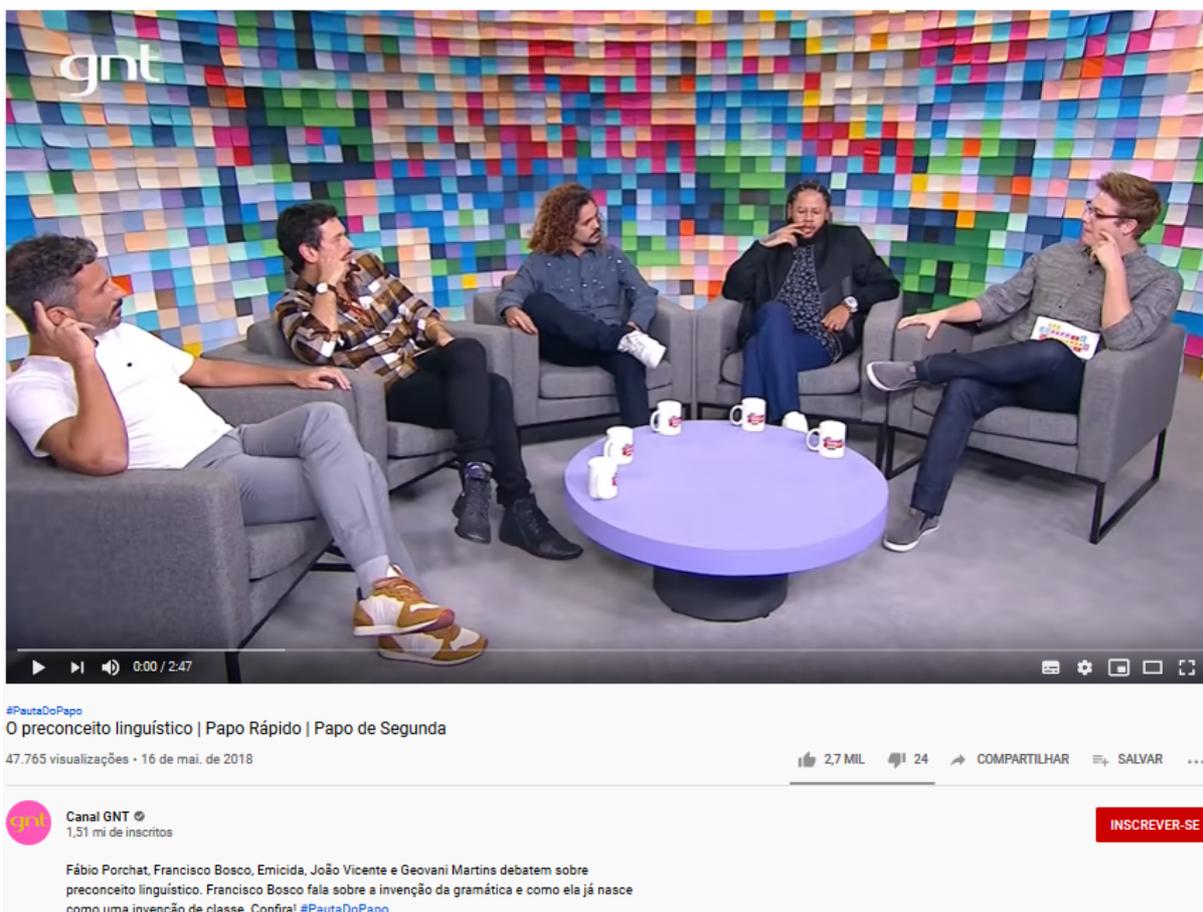
Serão necessárias, no mínimo, 5 aulas.

Atividades propostas:

Poderá ser exibido um vídeo sobre preconceito linguístico, como o que foi apresentado no programa “Papo de Segunda”, do canal GNT. Nesse programa, a roda de conversa foi formada pelo ator João Vicente, pelo escritor Geovani Martins, pelo humorista e apresentador Fábio Porchat, pelo *rapper* Emicida, que assume o

“lugar de fala” sobre o preconceito linguístico, e também pelo filósofo, escritor e colunista Francisco Bosco, que conclui o vídeo, explicando brevemente a origem do preconceito linguístico, a noção de “certo” e “errado”, imposta pelas gramáticas normativas, que prescrevem o uso da língua a partir do registro da escrita (que é mais estável) em contraste com o registro da fala (que é dinâmica).

Papo rápido sobre preconceito linguístico



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YDDDeBLxKwrs>. Acesso em: 23 set. 2020.

Em seguida, o professor formará uma roda de conversa, para que os alunos exponham o que entenderam sobre “preconceito linguístico” e relatem experiências por eles sofridas ou praticadas, ou ainda presenciadas (no caso de o preconceito linguístico ter ocorrido em relação à outra pessoa, conhecida ou não).

Para enriquecer a conversa, uma personalidade local, que luta contra o preconceito, o racismo e as desigualdades das periferias, poderá ser convidada para falar de sua experiência. Após os relatos, o docente deverá conscientizar os

alunos de que todo preconceito prejudica as pessoas que são vítimas desse tipo de atitude discriminatória, pois causa tristeza, vergonha e afeta sua autoestima, ressaltando que o prejuízo causado pelo preconceito linguístico pode ir além, ser ainda maior, já que o constrangimento que ele provoca faz com que as pessoas se caleem, por medo de serem ridicularizadas, não falem em público. Esse silenciamento pode impedir que estas vítimas se desenvolvam em termos emocionais, profissionais e sociais, o que pode implicar a dificuldade de elas lutarem por seus direitos, por medo de “falar errado”, de “não saber falar”, mitos impostos pela sociedade preconceituosa.

O professor poderá destacar as diferenças de cada participante do programa, apresentando brevemente cada um deles e demonstrando como suas características, principalmente as relacionadas à sua origem social e a seus valores culturais, influenciam a sua maneira de falar, ressaltando que a linguagem falada também é uma expressão da identidade dos indivíduos, e não apenas uma habilidade decorrente de formação escolar. Exemplos: o filósofo, escritor e colunista Francisco Bosco utiliza uma linguagem bastante formal, técnica, não só porque possui o conhecimento sobre o tema, mas porque quer demonstrá-lo e gerar credibilidade. Já o *rapper* Emicida tem a intenção de levar a cultura da periferia para a sociedade, falar *com* e *para* a periferia; por isso, na maioria das vezes, utiliza a variação desprestigiada da língua, comum a esta comunidade, mesmo possuindo o conhecimento formal da língua.

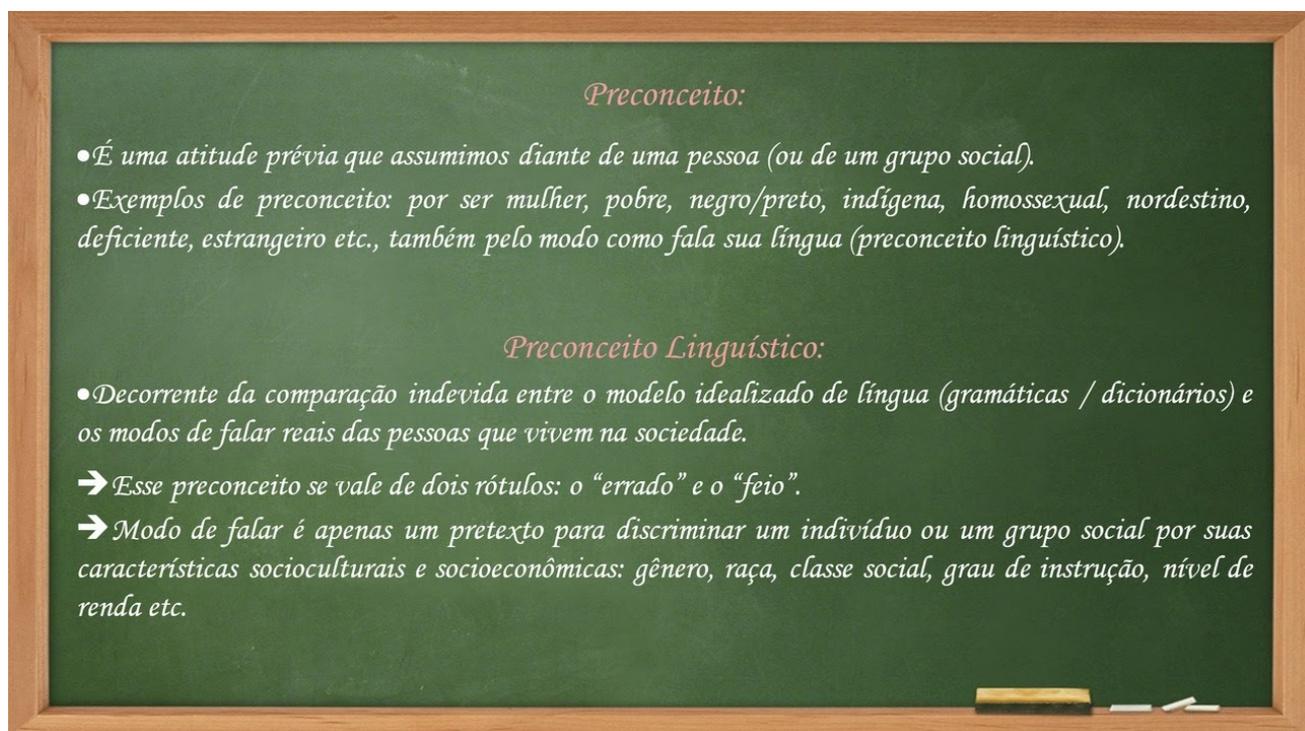


Uma outra sugestão é exibir o documentário “**Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem**”, disponível na Netflix, para que os alunos se atentem para a linguagem utilizada e os preconceitos que o filme retrata.

Fonte: Netflix (2020).

Ao final, o docente poderá comentar sobre as características do gênero *roda de conversa*, utilizado em sala de aula e no programa do vídeo exibido. Uma sistematização no quadro dos relatos e conclusões que caracterizam o preconceito linguístico, discutido durante a roda de conversa, também é importante para fixação do conteúdo.

Exemplo de um quadro sobre o preconceito linguístico



Fonte: Frade; Val; Bregunci [s.d.].

ETAPA 5: Jornal Falado

Esta etapa visa verificar o aprendizado dos alunos, através de um trabalho em grupo, realizado em sala de aula, em que se devem aplicar os diversos conteúdos ministrados anteriormente, como variação linguística, preconceito e os gêneros textuais já abordados. O foco desta etapa é o repertório e a desenvoltura comunicativa dos discentes e a linguagem falada.

Assim, a sugestão para o trabalho em grupo será o Jornal Falado, mas também poderá ser a encenação de uma peça teatral, já que ambos permitem a participação ativa dos alunos, a exploração de suas capacidades comunicativas,

criativas e argumentativas de fala, além de possibilitar a assimilação dos conteúdos lecionados através de uma atividade prática.

Serão necessárias, no mínimo, 7 aulas.

Atividades propostas:

Primeiramente, o docente deverá explicar o que é um Jornal Falado, suas características e estabelecer quais requisitos os alunos devem cumprir. Logo após, ele deverá definir os grupos, com, no máximo, 5 alunos cada, e sortear os temas.

O professor poderá utilizar os temas mais recorrentes no cotidiano desses discentes, assim as sugestões poderão ser os preconceitos contra: os deficientes; os estrangeiros (incluindo-se os refugiados); os homossexuais e demais integrantes do grupo LGBTQIAP+; os falantes de variedades de menor prestígio social (preconceito linguístico); as pessoas que se identificam como pertencentes a outras raças, que não a branca, como os negros/pretos, indígenas (racismo), e ainda os obesos/gordos, por fugirem a um padrão estético socialmente imposto.

Cada aluno deverá ter uma participação no trabalho:

- 1- Jornalista: fará a chamada da entrevista e a conclusão;
- 2- Repórter 1: entrevistará a vítima do preconceito;
- 3- Vítima: relatará o preconceito sofrido;
- 4- Repórter 2*: entrevistará o acusado de preconceito (*pode ser o mesmo aluno que entrevistará a vítima do preconceito);
- 5- Acusado: representará a pessoa que agiu com preconceito.

O docente deverá estruturar o Jornal Falado³ escrevendo os requisitos obrigatórios no quadro para anotação dos alunos, que poderão ajudar na sua confecção. A ideia é a de que os discentes participem da elaboração da lista de perguntas que não podem faltar na *entrevista*.

Sugestão de roteiro:

Todos os trabalhos deverão seguir este roteiro:

³ É preciso esclarecer que o Jornal Falado será baseado em textos escritos que cumprirão diferentes funções, dependendo do papel de cada participante, isto é, haverá diferentes níveis de formalidade (como a fala do repórter e a da vítima, por exemplo) e, por mais que haja formalidade, a linguagem do Jornal Falado deverá ser acessível.

- A jornalista inicia a reportagem informando o tema (preconceito contra ...) e chamando o repórter para explicar melhor a história e entrevistar a vítima e o acusado.

- A vítima e o repórter da vítima devem esclarecer *onde, quando, como e por que* ocorreu o preconceito e qual é o sentimento da vítima.

- O acusado e o repórter do acusado devem mencionar o que foi falado na hora do preconceito, em que situação aconteceu, o motivo que levou o acusado a cometer o preconceito e se está arrependido.

- A jornalista deve concluir a reportagem expondo sua opinião, que neste caso deve ser a do grupo.

Os alunos deverão realizar o trabalho (Jornal Falado) todo em sala de aula, pois assim o professor conseguirá sanar eventuais dúvidas e observar a participação de todos os discentes.

Durante a apresentação do Jornal Falado, que deverá ser filmado, o docente e os outros alunos deverão observar se todos os requisitos foram cumpridos.

Somente após a última apresentação, será aberto um debate para discutir se todos os grupos cumpriram os requisitos; assim, nenhuma equipe será prejudicada ou favorecida. Os discentes deverão anotar as considerações feitas pelo professor e por eles mesmos para adequar seus trabalhos, pois, além de ajudar a fixar o conteúdo, serão necessárias para o cumprimento da etapa posterior.

ETAPA 6: Retextualização

Esta etapa objetiva desenvolver a escrita dos alunos através da retextualização.

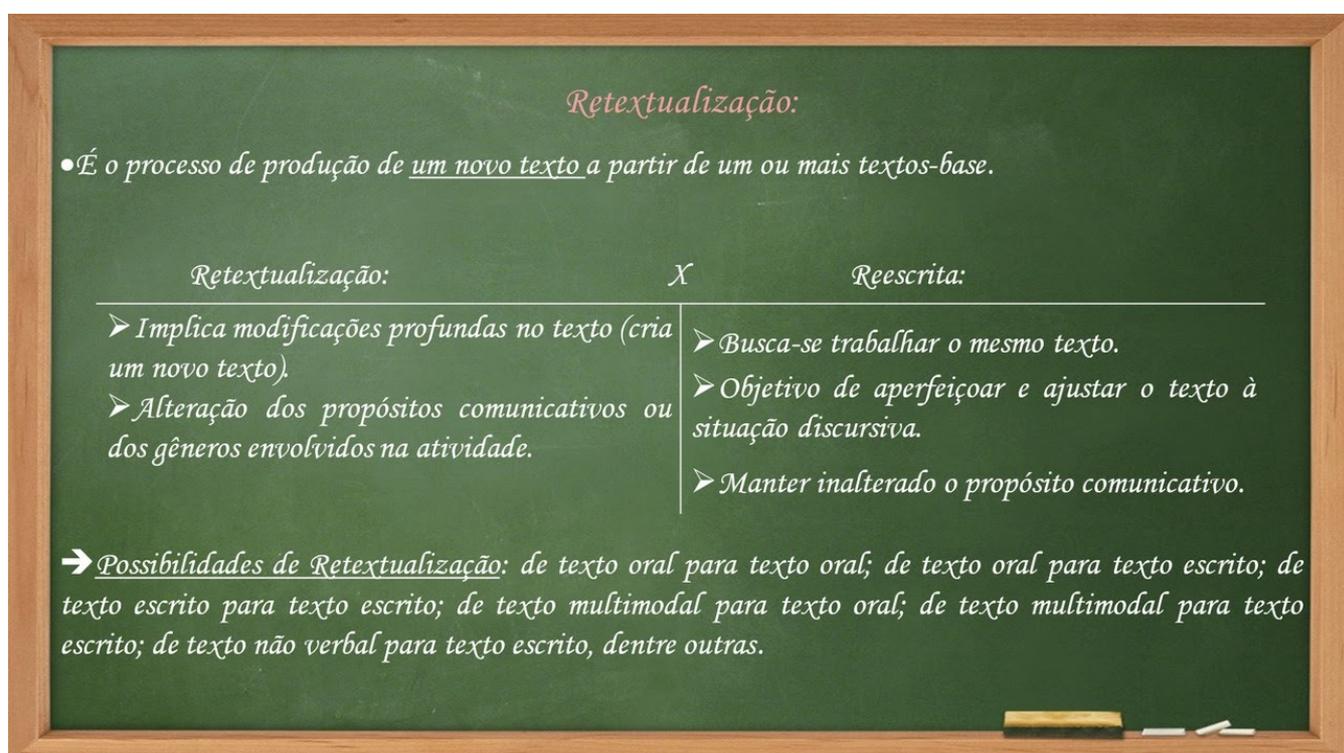
A retextualização, enquanto estratégia de ensino de língua, foi escolhida para integrar esta proposta de intervenção, por ser um exercício complexo, que exige dos alunos não apenas a produção de um texto escrito, mas também a compreensão do conteúdo textual, a identificação do gênero textual e sua transformação em outro gênero, e por permitir explorar o aprendizado dos discentes sobre a modalidade oral, escrita e os diferentes gêneros textuais.

Serão necessárias, no mínimo, 6 aulas.

Atividades propostas:

O docente deverá explicar o conceito e em que consiste a estratégia da retextualização⁴, sistematizando o conteúdo no quadro e esclarecendo a diferença em relação à reescrita.

Exemplo de um quadro sobre o conceito e a estratégia de retextualização



Fonte: Frade; Val; Bregunci [s.d.].

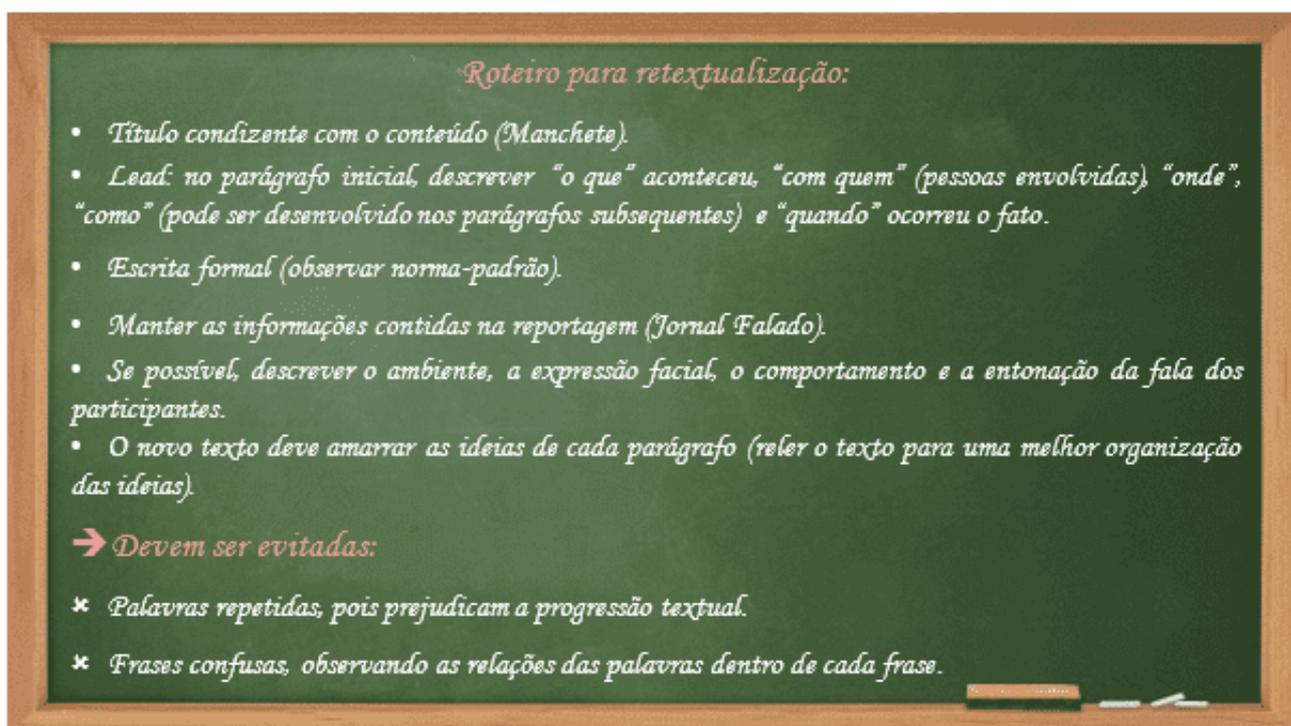
Em seguida, solicitará que os alunos transformem o trabalho do Jornal Falado (reportagem oral) em um texto escrito, como, por exemplo, uma notícia. Desta forma, a retextualização ocorrerá por meio de um conjunto de “operações” de reconstrução textual, isto é, da passagem do texto oral para o escrito e também pela mudança do gênero (de *reportagem* para *notícia*). Será elaborado um roteiro, no

⁴ Para um aprofundamento a respeito desse assunto, o professor poderá consultar as operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito, propostas por Marcuschi (2004, p. 75).

quadro, para orientar os alunos durante a realização da atividade de retextualização, a qual deverá ser feita em sala de aula e em grupo (o mesmo da etapa anterior).

É importante deixar claros os requisitos obrigatórios da notícia escrita como, por exemplo: escrita formal, título (manchete) e a presença de todas as informações do Jornal Falado.

Exemplo de uma sugestão de roteiro para retextualização (da reportagem para notícia)



Dando sequência à atividade, numa aula posterior, a sugestão é a de que os próprios alunos realizem a correção dos textos uns dos outros. Para isso, eles deverão trocar os trabalhos entre os grupos e analisar os acertos e os problemas, tomando como base um conjunto de critérios a ser disponibilizado em uma folha de avaliação, como a que se apresenta mais adiante. O processo de correção será conduzido de modo que haja um rodízio dos trabalhos avaliados: cada texto será lido pelos demais grupos, ou seja, como são 6 grupos, cada notícia passará pela correção dos demais 5 grupos. Assim, todos os discentes terão lido todos os textos produzidos. Os alunos deverão observar, principalmente, se foram atendidos os requisitos do gênero focalizado; se a notícia, no caso deste trabalho, apresentava

tudo o que tinha sido apontado na reportagem do Jornal Falado; se os textos foram escritos de acordo com a norma-padrão e se o título era condizente com o conteúdo.

Exemplo de uma folha de avaliação com os critérios de correção

| | | | |
|---|--------------------|----------------------|-------------|
| Dados de identificação: | | | |
| Turma: _____ | | | |
| Número do grupo que fará a avaliação: _____ | | | |
| Integrantes do grupo que fará a avaliação: | | | |
| 1) _____ | | | |
| 2) _____ | | | |
| 3) _____ | | | |
| 4) _____ | | | |
| 5) _____ | | | |
| Marque com X os critérios para a correção do texto: | | | |
| Grupo nº (que será avaliado): | Atendeu totalmente | Atendeu parcialmente | Não atendeu |
| Título | | | |
| <i>Lead</i> | | | |
| Escrita formal | | | |
| Recuperação das informações contidas na reportagem | | | |
| Coesão e coerência das informações | | | |
| Descrição (ambiente, expressão facial, comportamento e entonação da fala) | | | |

O objetivo dessa correção compartilhada com os discentes é verificar sua capacidade de análise e reflexão acerca do conhecimento aprendido sobre os elementos que fazem parte da estrutura composicional do gênero trabalhado, bem como o papel da atenção nas aulas anteriores para a construção desse aprendizado. Ao final, cada grupo apresentará as inadequações identificadas.

ETAPA 7: Sistematização - reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem

Esta etapa objetiva sistematizar o conhecimento adquirido pelos alunos a respeito das variedades linguísticas, que corroboram a ideia de dinamismo da língua, bem como do preconceito linguístico, tão presente no ambiente escolar e nas mais diversas esferas da sociedade. Assim, serão colocados no quadro, para anotações, todos os aspectos pertinentes observados nos trabalhos e na avaliação feita pelos alunos anteriormente, ressaltando os pontos adequados, os inadequados e seus possíveis ajustes. Além disso, para fixar o conteúdo, poderá ser proposta uma atividade de reescrita, utilizando-se o texto do trabalho anterior com os ajustes necessários aplicados.

Serão necessárias, no mínimo, 5 aulas.

Atividades propostas:

O docente analisará, juntamente com os alunos, tudo o que foi considerado adequado e inadequado nos textos do trabalho escrito (notícia), a partir dos critérios elaborados pelo professor e disponibilizados para os alunos, para orientá-los durante a revisão feita pelos grupos. Estes precisarão atentar-se, principalmente, para as informações necessárias a fim de adequar o seu trabalho, pois os discentes de cada grupo deverão reescrever o texto (notícia), observando os ajustes pertinentes.

A sistematização de todos os pontos importantes poderá ser escrita no quadro⁵ para anotação. É importante esclarecer que, nesta etapa, terá lugar a análise linguística, elegendo-se os problemas mais recorrentes e que precisarão ser oportunamente trabalhados. Por exemplo: questões relativas a diferentes procedimentos para realização da concordância nominal/verbal (como a presença da marca de flexão apenas no determinante – concordância não padrão –, em vez da inserção das marcas de flexão em todos os elementos que se relacionam como constituintes da oração – concordância padrão) deverão ser exploradas e sistematizadas por meio de atividades práticas, como a reescrita.

⁵ Não será proposto um exemplo deste quadro, pois esta sistematização depende de uma análise prática do conhecimento externalizado pelos alunos, devendo destacar não só os equívocos como os acertos desses discentes.

Para maior envolvimento e dedicação dos alunos, é interessante que, ao final, seja feita uma eleição para votação do melhor trabalho oral e também do escrito, para apresentação na semana cultural e publicação no jornal da escola, respectivamente. É importante que o professor enfatize que a escolha do melhor trabalho deve ser por mérito; portanto, devem ser observadas a criatividade, a adequação ao tema e à proposta, além dos requisitos estabelecidos na reportagem do Jornal Falado e na notícia escrita, para evitar que a votação seja dada por critério de aproximação ou envolvimento afetivo.

ETAPA 8: Fechamento - diagnóstico do processo de ensino/aprendizagem

Esta etapa é importante para que os alunos se autoavaliem e reconheçam o que aprenderam e o que não ficou claro, analisando também a didática adotada pelo docente, destacando quais foram as atividades de que gostaram e aquelas de que não gostaram durante o processo de ensino.

É importante que o professor também pondere o quanto, do que foi proposto, os alunos conseguiram consolidar e avalie os pontos positivos e negativos da sua prática em sala de aula, a fim de implementar mudanças, visando a aprimoramentos futuros.

Serão necessárias, no mínimo, 2 aulas.

Atividades propostas:

O docente poderá solicitar que os alunos listem aquilo de que gostaram e de que não gostaram, justificando essa seleção, e que informem o que acharam difícil e o que foi fácil tanto na aprendizagem dos conteúdos quanto na forma como as aulas foram ministradas, ou seja, eles deverão avaliar os procedimentos didáticos.

Sugere-se que se faça uma tabela no quadro com as respostas dos discentes. A tabela servirá para facilitar não apenas a análise das respostas (o que mais e menos agradou), como também para verificar o quanto os alunos absorveram do conteúdo ensinado.

Desta forma, ao final, será possível que o professor verifique se houve um aprendizado gradual do aluno a respeito dos diferentes níveis de formalidade quanto

ao uso da língua, se o repertório comunicativo e argumentativo foi, de algum modo, ampliado, e o quanto esses alunos se tornaram mais aptos a compreender e produzir textos escritos e/ou orais.

Referências

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Ferreira da Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário Ceale**. Belo Horizonte: FaE, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PINTON, Francieli Matzenbacher; STEINHORST, Camila; BARRETO, Taís Vasques (Orgs.). **Glossário de gêneros e suportes textuais: Base Nacional Comum Curricular**. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, NEPELIN, 2020.

Sugestões de leitura

- **Documentos norteadores para o ensino:**

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: Educação é a base**. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 06 de out. de 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

- **Ensino de Língua Portuguesa:**

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 8 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

- **Gêneros textuais:**

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 19-36.

_____. **Linguística de texto**: o que é e como se faz?. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

- **Preconceito linguístico:**

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.

- **Preconceito social:**

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

_____. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- **Retextualização:**

BENFICA, Maria Flor de Maio Barbosa. **Atividades de retextualização em livros didáticos de português**: estudo dos aspectos linguístico-discursivos dos gêneros implicados. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013, p. 170.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

- **Roda de conversa:**

SISTE, Andréa de Fátima. Roda da conversa. In: FERREIRA, Gláucia de Melo (Org.). **Palavra de professor(a)**: Tateios e Reflexões na Prática da Pedagogia Freinet. Campinas: Mercado das Letras, 2003, p.91.

- **Variação linguística:**

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. **Veredas** – revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 71-83, jun./dez. 2001b. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap063.pdf>. Acesso em: 09 set. 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Nós chegemos na escola e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Sugestões adicionais de vídeos e textos para adaptação das propostas deste Caderno Pedagógico

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/07/31/idosos-de-sc-relatam-pre-conceito-na-pandemia-ser-idosa-nao-significa-que-esteja-pronta-para-morrer.ghtml>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8700957/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8591649/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Disponível em:

<<https://www.consumidormoderno.com.br/2020/02/12/uber-preconceito/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Disponível em:

<<https://www.hypeness.com.br/2020/02/solte-o-cabelo-prenda-o-preconceito-escola-do-rs-lanca-campanha-contrapreconceito-racial/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Disponível em:

<<https://www.itatiaia.com.br/noticia/achei-que-fosse-fake-news-diz-cuidadora-que-r>>.

Acesso em: 23 set. 2020.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iE3qkajUOuM>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostycer/2021/04/nao-basta-fazer-alerta-em-da-cor-do-pecado-e-preciso-explicar-conteudos-inaceitaveis.shtml?pwgt=krki9sxx7pylbnxqushjecssb7kq8z1u77v26sjfgm8dr8qq&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift>. Acesso em: 23 abr. 2021.

